

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda da Loanda

código
AIII-F21-RF

localização
Rodovia RJ-151 (próximo ao perímetro urbano de Manuel Duarte – 2º distrito de Rio das Flores (RJ))

município
Rio das Flores

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pecuária leiteira, veraneio / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fazenda da Loanda, fachada principal

coordenador / data **Annibal Affonso Magalhães da Silva – abr 2009**
equipe **Rita de Fátima Machado Vilela, Geraldo de Souza Bastos Filho (levantamento de campo) Annibal Affonso (AutoCad)**
histórico **Adriano Novaes**

revisão
Coordenação técnica do projeto

Partindo de Rio das Flores, o melhor caminho para se chegar à Fazenda da Loanda é seguir pela Rodovia RJ-145 – estrada que a corta a cidade – no sentido do distrito de Manuel Duarte. Depois de percorrer cerca de 10 km, a pista desemboca numa grande reta, marcada à esquerda por uma antiga estação de trem, em tijolos maciços, que serve como portada da Fazenda Flores do Paraíso. Cerca de 1 km à frente, alcança-se um trevo onde há uma parada de ônibus ao centro. Neste ponto termina a rodovia RJ-145, no entroncamento com outra rodovia estadual, a RJ-151 (f01). Poucos metros à frente, separadas pelo rio Preto, estão as localidades mineira e fluminense de Porto das Flores e Manuel Duarte, respectivamente.

O rio Preto, além de valorizar a paisagem característica da região, com seus morros meia laranja recobertos por pastagens ralas, é a divisa entre os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. É possível avistar ao longe o renque de palmeiras imperiais, principal referência visual da Fazenda da Loanda (f02), cujo trecho final de estrada se inicia neste entroncamento de rodovias, seguindo em caminho de terra por quase 1 km. Conforme se avança, a altivez das palmeiras atrai cada vez mais a atenção. Nesse percurso, existem duas pontes de concreto e a última delas marca o início das terras da fazenda (f03). Neste ponto, o rio das Flores deságua no rio Preto, sendo que suas margens planas se estendem em descampados (f04).

Cerca de 200 metros à frente, chega-se à bifurcação que leva à sua sede, onde um tanque de pedra revela o início do sítio histórico da fazenda (f05 e f06). A água deste tanque segue em direção ao lado oposto da estrada, por meio de uma canaleta (f07) que termina próxima a uma edificação em tijolos maciços – com data de 1927 – hoje utilizada para ordenha leiteira (f08). Atrás deste prédio, há outro tanque, bem maior que o anterior (f09). Uma rede de canaletas conduz a água por gravidade até ele. Sua superfície é coberta por cimento e o bicame de pedra mostra ser obra do século XIX. A seu lado, restaram as ruínas de uma construção.



01



02



03



04



05



06



07



08



09

A parte da edificação que hoje serve como local de ordenha corresponde a um trecho do bloco que ali existiu. O Sr Esmeraldino Alves¹, nascido no ano de 1927 na Fazenda da Loanda, fez um relato do que conheceu durante os anos em que ali viveu. Disse que naquele local havia uma roda d'água de ferro, que movia o engenho de cana, o de fubá e o da famosa cachaça Loandense. Ao redor do prédio, encontram-se, dispersas, peças das antigas engrenagens (f10 e 11).

Acredita-se que o prédio de tijolos existente tenha substituído um antigo, que abrigava o engenho do café. Sobre a lavoura cafeeira, o Sr. Esmeraldino informou que, no tanque localizado na bifurcação com a estrada, eram despejadas as sementes do café vindo das terras situadas mais acima, transportado por meio de um bonde puxado a cavalo, que seguia através das canaletas até o tanque maior. Após serem novamente selecionados, os grãos de café eram colocados em outro bonde e seguiam para um imenso terreiro após o renque de palmeiras, próximo a uma tulha.

Retomando o trajeto, uma porteira marca o início do caminho que leva às instalações da sede, ladeado por árvores conhecidas como "dama robusta" (f12) e por outras espécies de porte médio e plantas arbustivas. O conjunto que compõe a fazenda possui: no canto esquerdo, um estábulo para ordenha leiteira, mais à frente, uma construção recente em forma octogonal (f13) e, logo após, as demais edificações, destacando-se as duas sedes da propriedade (f14+), uma mais antiga, do século XIX, e outra da virada entre os séculos XIX e XX.

À direita deste conjunto estão os espaços de lazer – piscina, salão de jogos e churrasqueira –, abrigados num único bloco (f15).

A canaleta para abastecimento de água resistiu ao tempo. Situada nos fundos da sede mais antiga, corre abaixo do terreiro de café, até surgir no encontro da murada, que é vencida por meio de uma escadaria de pedra (f16). Esta canaleta transpassa a casa no sentido transversal, pelo nível do porão. Um pomar gramado espraia-se por sua lateral esquerda (f17), dividido em níveis por meio de muradas de pedra (f18), local provável dos antigos terreiros de café, como comprovam os bicames de drenagem existentes em sua murada mais baixa (f19).



10



Rótulo da aguardente *Loandense*, outrora produzida na propriedade

11



12



13

¹ A fazenda possuía no passado cerca de 45 casas de colono, cada uma habitada por uma média de cinco pessoas. O Sr. Esmeraldino morou numa dessas casas já demolidas;



14



15



16



17



18

As palmeiras imperiais aparecem alinhadas de frente, observando-se algumas lacunas no perfilamento de seu renque, fruto da morte de algumas espécies. No terreno que se espraia à sua esquerda (f20), foram encontrados vestígios que confirmam o depoimento do Sr. Esmeraldino Alves, que informou ser ali o local da tulha e de um terreiro de café, cujo piso disse ser semelhante a um asfalto, ou seja, macadame ou pedra coberto por cimento. O Sr. Esmeraldino Alves não pôde participar dessa visita, prejudicando assim a localização exata dos terreiros. Trata-se de uma grande área plana, coberta por terra e vegetação, onde foram encontrados dois platôs, separados por um desnível natural (f21), e algumas pedras soltas ao seu redor. Bem próxima, avista-se a base de pedras de uma construção arruinada. Não foi possível fazer prospecções no local. Entretanto, notam-se aberturas de acesso e divisões internas, bem como uma escadaria de pedra interna com cerca de cinco lances, além de arranques de ferro nas aberturas de acesso (f22). É possível que sejam os remanescentes da antiga tulha ou de alguma construção da época, sendo que, ao seu redor, não restou nenhum vestígio de outro prédio. Por meio da análise de uma fotografia publicada no *Álbum do Município de Juiz de Fora*², percebe-se que aquela área era descampada, com construções à sua volta (f23).



19



20



21



22



23

² ESTEVES, Albino. *Álbum do Município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte (MG). Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915. pp 482.

A casa-sede mais recente – edificada na virada do século XIX para o XX, seguindo a tipologia construtiva tradicional – funcionou durante muitos anos como casa principal da fazenda. Trata-se de um bloco retilíneo, que segue em direção aos fundos. Algumas características datam-na como sendo obra posterior à época cafeeira: além das dimensões e divisões dos compartimentos, nota-se a baixa altura do porão e do seu pé direito. Construída com tijolo maciço, possui estreitas janelas na fachada lateral voltada para o pomar (f24). Uma fonte d'água está locada fronteira à sua fachada.

Acredita-se que, pouco antes de ser construída, ocorreu a demolição de uma parte da sede histórica. Com um olhar atento, é possível reconhecer as peças que vieram daquele desmanche, principalmente esquadrias, como as portadas internas (f25) e as janelas da fachada frontal (f26) e da lateral voltada para a parte de lazer (f27). Essas janelas destacam-se por suas folhas de madeira de abrir, almofadadas e arrematadas com sobrevergas retas, levando-se a acreditar que ficavam posicionadas na fachada voltada para a monumental entrada do renque de palmeiras.



24



25



26



27

A escadaria de acesso pode ter sido trasladada para a entrada atual, junto com a porta almofadada (f28) que precisou ser cortada na base para adequar-se à altura do novo prédio (f29). Na outra varanda, voltada para a área de lazer, existem, em ambas as extremidades, um soco de pedra trabalhado, sendo possível que servisse de paramento da escadaria principal (f30).

A casa-sede original do período do café não se perdeu totalmente. Trata-se de uma construção que se destaca do conjunto, com escala condizente a uma importante sede cafeeira (f31). É flagrante o ponto a partir do qual foi demolida, onde se inicia (f32) uma pequena edificação térrea (f33), coberta por laje. O trecho que restou correspondia à parte dos fundos, onde ficavam os setores de serviços, como a cozinha. A construção termina próximo ao ponto onde os morros começam a se formar.

Na observação do conjunto remanescente, é possível ter uma percepção da imponência da casa-sede original, edificada na primeira metade do século XIX. O beiral encachorrado (f34) possui espessos caibros sobre os quais se apóia uma madeira plana onde se assenta a última fiada de telhas. Este é um dos detalhes que revelam seu pioneirismo em relação às demais unidades que pontilham esta região produtora mineira-fluminense¹, à época pertencente a Juiz de Fora e Valença, respectivamente.

Esta parte da casa correspondia, provavelmente, à perna menor de um bloco que perfazia um “L”. Não foi possível encontrar registros ou vestígios da parte demolida². Porém, algumas de suas peças encontram-se dispersas pelo terreno, com pedras servindo de bancada; uma outra peça ornamenta a fonte d’água. Nota-se também o aproveitamento de degraus na construção situada à sua frente (f35).



28



29



30

¹ A sede da Loanda guarda semelhanças com a sede da Fazenda Velha, primeira fazenda da região, situada 2 km acima, em território mineiro.

² Não foram feitas perguntas aos entrevistados sobre esta sede.



31



32



33



34



35

A fachada lateral direita adquiriu o *status* de fachada principal e o pé-direito de seu porão lhe dá o porte da dupla altura. O acesso principal é por uma escadaria de pedra lavrada (f36), que culmina num patamar para onde se abre uma porta em folha dupla de madeira almofadada (f37), que é protegida por um alpendre à moda de copiar. Esta fachada é caracterizada pelo ritmo e simetria de suas aberturas. As janelas, pintadas na cor azul, possuem guilhotinas de vidro com postigos de madeira na cor branca, em seis quadros, abrindo-se para o interior folhas de madeiras cegas e, para o exterior, folhas em venezianas. Recentemente, essas esquadrias receberam sobrevergas retas pintadas de amarelo (f38 e f39).

Na outra extremidade, a fachada lateral esquerda está nivelada próxima aos rés-do-chão. Esta fachada recebeu uma varanda, que, juntamente com o prolongamento dos ambientes mais à frente, prejudicam sua leitura primitiva (f40).

No nível do porão existem duas entradas (f41), que rasgaram sua espessa parede de pedra. Essas portas já aparecem num desenho da década de 1930. Além delas, há outras aberturas para iluminação e ventilação. Isto decorre de, em determinada época, ter havido uma subdivisão do prédio, criando duas residências independentes. Para isso, lacrou-se a porta que separa a sala íntima da sala de visita.

O trecho frontal ganhou um acesso principal ao nível do porão, por meio de uma escada interna. Foram instalados banheiros e uma cozinha, ambos revestidos com cerâmica. Em outros ambientes, houve a troca do piso em junta cega e do forro em saia e camisa por outros de linhas contemporâneas, com encaixe macho e fêmea (f42). A fachada lateral esquerda sofreu um acréscimo contíguo à nova varanda, rompendo o alinhamento e sua leitura original. Para ela volta-se a parte de serviço,s com saída por meio de escada (f43).

A outra parte não passou por tantas transformações, guardando certa originalidade. Houve um acréscimo aos fundos para instalar a cozinha, situado no nível do platô externo (f44).



36



37



38



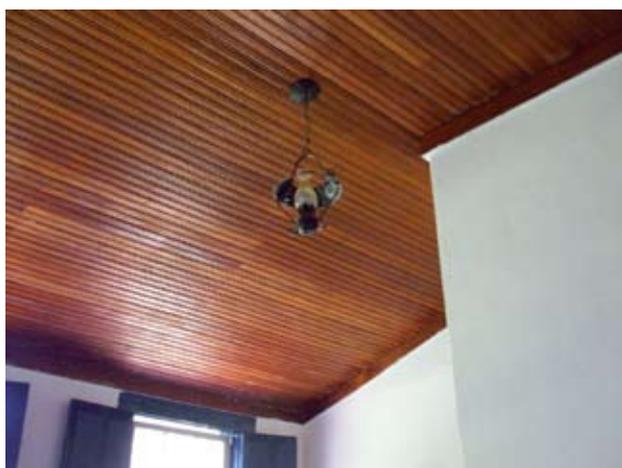
39



40



41



42



43



44

Neste segmento, é possível fazer uma leitura cronológica das distribuições primitivas, pois os portais que faziam a comunicação entre os ambientes permanecem à mostra nas paredes. Na fachada voltada para o pomar são visíveis os típicos furos das janelas gradeadas à moda bandeirista, adaptadas como básculas dos banheiros, podendo ter sido este o local da cozinha original (f45).

Há cerca de quatro anos, se iniciaram novas obras e o conjunto foi unificado. Porém, os trabalhos não se encontram totalmente encerrados. Dentre as ações futuras, está prevista a troca das esquadrias que não condizem com as originais. As obras concentraram-se basicamente nos fundos, uma vez que a parte frontal estava bem conservada. As paredes externas foram pintadas de branco, com detalhes em amarelo nos cunhais, pilares e vigas e, ao nível do porão, foram revestidas com pedras de tonalidade clara (f46). O novo programa definiu a entrada principal pela escadaria em pedra lavrada, que ganhou uma pequena cobertura com telhas capa e canal e um guarda-corpo gradeado (f47). Os ambientes passaram por uma reordenação e foram instalados banheiros, revestidos com cerâmica nos pisos e paredes. Optou-se também pelo piso de cerâmica em outros ambientes, como na circulação e nas salas de estar e de TV (f48).

O piso original em madeira com junta cega resiste apenas na sala íntima (f49). Os demais foram trocados por peças novas (f50). Todo forro em madeira também é novo (f51), substituindo os modelos antigos em saia e camisa. As novas instalações elétricas e hidráulicas complementaram sua modernização.

É bem provável que a casa-sede da Loanda edificada durante o ciclo do café tenha sido concebida com partido em "L". Sua parte demolida devia localizar-se no alinhamento da alameda de palmeiras (f52). Como ocorre em outras sedes, neste setor ficariam a entrada nobre e os ambientes de convívio social. O fato de sua fachada principal voltar-se para o rio Preto pode estar ligado à existência de um primitivo núcleo urbano na parte mineira, oriundo do porto de atracamento de barcas, que fora a primeira forma de transposição entre as províncias, situado a poucas centenas de metros abaixo do local onde João Pedro Maynard escolheu para construir a Loanda (então denominada Barra das Flores), iniciando o desenvolvimento do lado fluminense (f53).



45



46



47



48

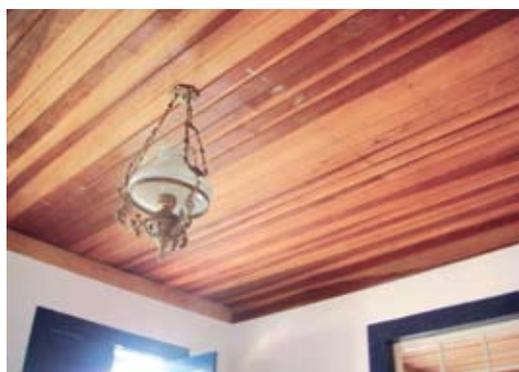
Apesar de ter sido o construtor da casa e das demais estruturas como senzalas e terreiros de café, alguns historiadores informam que Maynard não transformou a Loanda numa grande produtora de café. A fazenda só adquiriu este porte com o proprietário seguinte, o visconde do Rio Preto, que residiu nela antes de edificar uma suntuosa sede na sesmaria vizinha, a Flores do Paraíso. O visconde prosperou e, com o tempo, adquiriu outras propriedades, algumas em terras mineiras, a poucos quilômetros rio acima. Acredita-se que a produção dessas propriedades vinha para ser beneficiada nos engenhos da Loanda, surgindo assim a necessidade de uma nova opção para a travessia do rio Preto, em detrimento das barcas que funcionavam há tempos. Talvez tenha sido nesta época que a alameda de palmeiras foi plantada a frente da sua entrada principal.



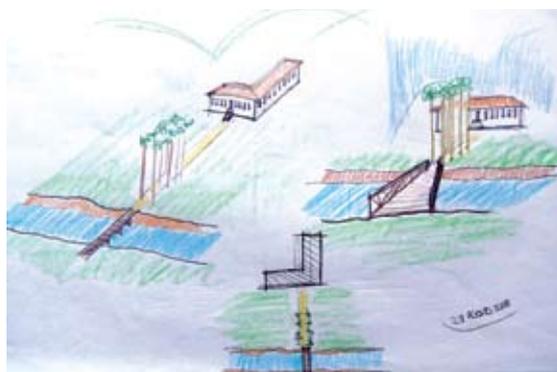
49



50



51



Local provável da suposta ponte sobre o Rio Preto, desenho de Annibal Affonso Magalhães da Silva

52



Provável local de travessia do rio Preto (marcado pelo círculo vermelho), desenho de Annibal Affonso Magalhães da Silva

53

O prédio não apresenta indícios de comprometimentos estruturais. Uma grande reforma feita há poucos anos extinguiu os problemas que acometiam sua estrutura. Nota-se a instalação de peças novas, como reforço estrutural para ajudar na sustentação, tanto da cobertura quanto da base (f54).

A casa apóia-se sobre uma base de pedra, perfazendo um porão com pé direito alto. A estrutura desenvolve-se na clássica gaiola de madeira – viga, madres, pilares e barrotes. A cobertura manteve parte da trama original – tesoura, terças e cumeeiras. Porém, caibros e ripas de palmito foram trocados por peças de eucalipto (f55). As telhas antigas servem de capa e as novas funcionam como bica.

O fechamento das paredes é feito em pau-a-pique. Durante as obras, alguns panos de parede foram substituídos por alvenaria de tijolo. Pisos e Forros estão em bom estado de conservação e os revestimentos não apresentam qualquer tipo trinca ou fissura. Parte das instalações hidráulicas e elétricas é nova.



54

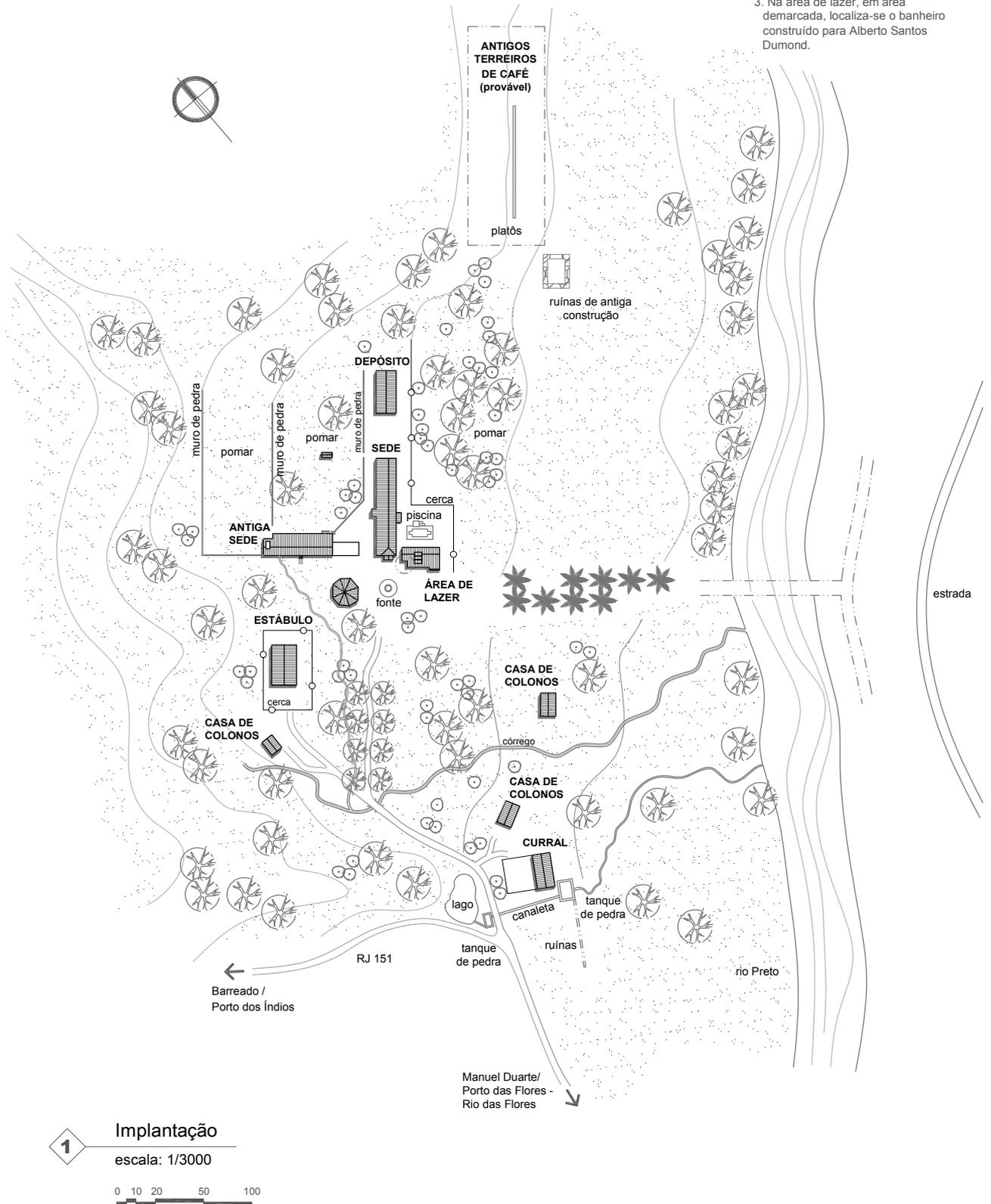


55

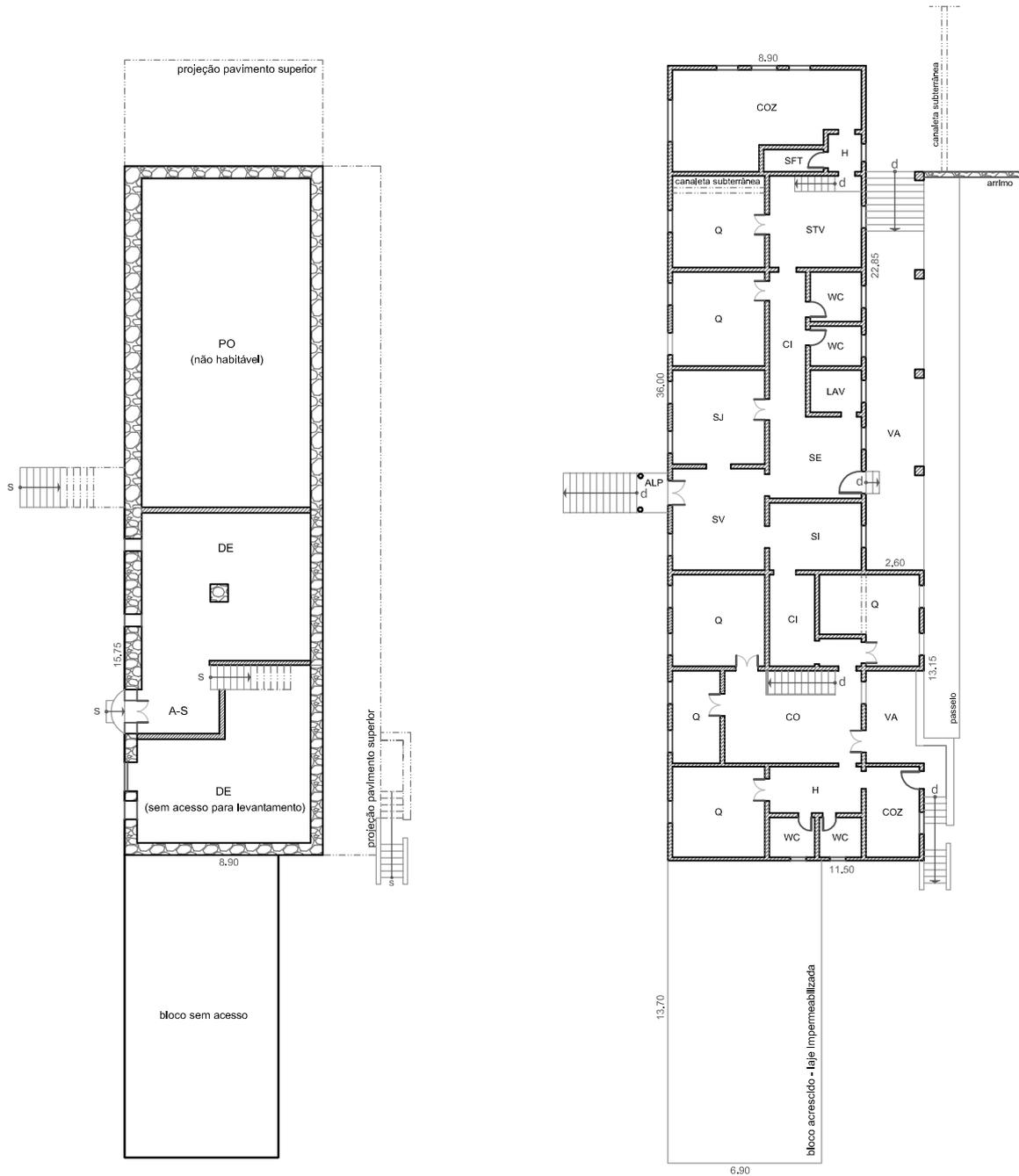
FAZENDA DA LOANDA

Observações:

1. As linhas tracejadas junto à atual estrada delimitam o antigo acesso para a estância;
2. A antiga sede data do século XIX, e a atual, do século XX;
3. Na área de lazer, em área demarcada, localiza-se o banheiro construído para Alberto Santos Dumond.



FAZENDA DA LOANDA



1 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/300

2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/300



ALP - alpendre	CO - copa	H - hall	Q - quarto	SJ - sala jantar	SFT - shaft	alvenaria terra
A-S - ante-sala	DE - depósito	LAV - lavabo	SE - sala estar	SV - sala visitas	VA - varanda	alvenaria pedra
CI - circulação	COZ - cozinha	PO - porão	SI - sala íntima	STV - sala de tv	WC - banheiro	

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIII - F21 - RF

2/2

equipe:
Annibal Afonso M. Silva / Rita F. Vilela / Geraldo S. Bastos Filho

desenhista:
Annibal Afonso

revisão:
Francyla Bousquet

data:
ago 2009

A Fazenda da Loanda teve sua origem em terras concedidas através do sistema de sesmaria ao cessionário João Pedro Maynard d’Affonseca e Sá¹ e sua mulher, D. Joana Edwirges de Meneses e Souza, no ano de 1810². Coube a Maynard proceder à abertura da fazenda, que inicialmente a denominou de Barra das Flores, nome alusivo ao rio das Flores que banha a propriedade e faz sua barra no rio Preto.

Maynard, que iniciou as atividades agrícolas na fazenda através do cultivo do café, não tinha grande inclinação para os negócios da lavoura. Péssimo administrador, sua fama corria pela região. Mas era senhor das melhores terras da zona. Além da sesmaria da Barra das Flores, era senhor também da sesmaria vizinha, que mais tarde daria origem à Fazenda do Paraíso e da sesmaria de Santa Rosa. Pouco depois de seu falecimento, sua viúva, D. Joana, vendeu todas as propriedades, provavelmente obtendo grandes lucros. Barra das Flores e a sesmaria do Paraíso foram adquiridas por volta de 1842³, pelo mineiro e negociante de gado Domingos Custódio Guimarães, senhor de grande iniciativa e visão empresarial. O intermediário do negócio foi seu sobrinho e proprietário da Fazenda da Conceição, Joaquim Cândido Guimarães (ANDRADE, 1989) (f56).

Em pouco tempo, depois de estabelecido na fazenda, Domingos Custódio Guimarães ampliou os cafezais, aumentou a escravidão e tornou-se o maior produtor de café da região do Vale do Rio Preto, com mais de um milhão de pés de café⁴.

Mas Domingos Custódio Guimarães queria mais, e Idealizou uma fazenda que fosse perfeita e que atendesse a todas as necessidades da produção cafeeira da época. Fundou e construiu a importante Fazenda “Flores do Paraíso”, cuja obra, segundo estudiosos, foi iniciada em 1848, ou seja, seis anos depois de adquirida a Fazenda Barra das Flores.

Em 1853, Flores do Paraíso ficou pronta e para lá Domingos mudou-se com a família, ficando Barra das Flores como sua segunda mais importante fazenda, num total de nove propriedades, todas com unidades de produção de café.

Tamanha foi a projeção social alcançada pelo então tenente-coronel Domingos Custódio Guimarães que, em 1854, foi agraciado pelo Imperador D. Pedro II com o título de barão do Rio Preto, e, em 1867, com o de visconde, com grandeza (TJADER, 2004, p.135-6).

Com a súbita morte do visconde, ocorrida no dia sete de setembro de 1868, em pleno baile que oferecia em sua fazenda para comemoração do seu aniversário e da inauguração do ramal da Estrada União-Indústria, a Fazenda Barra das Flores ficou em posse da viúva, a viscondessa do Rio Preto.

Em 1873, faleceu a viscondessa do Rio Preto vítima de um acidente a cavalo, sendo seus bens divididos entre seus dois herdeiros. A Fazenda Barra das Flores, com seus 186 mil pés de café e todas as benfeitorias e escravos, coube à filha, D. Maria Amélia Guimarães d’Azevedo, esposa do comendador Domingos Theodoro d’Azevedo Júnior.

Domingos Theodoro não residiu na Barra das Flores, pois possuía, a alguns quilômetros dali, a grandiosa Fazenda de Santa Genoveva.

Nesta ocasião, Barra das Flores foi absorvida pela Companhia Alto Paraíba, do mesmo Domingos Theodoro, cuja empresa agrícola reunia diversas fazendas da família.

Chegando às últimas décadas do século XIX, a produção cafeeira na região estava em franca decadência, causada pelo esgotamento do solo e tendo por consequência o endividamento dos fazendeiros. A situação piorou com a intensificação da campanha abolicionista culminada com a Abolição, assinada em 13 de maio de 1888, em pleno mês do café maduro.

Numa tentativa de substituir a decadente lavoura cafeeira, o comendador Domingos Theodoro implantou na fazenda a criação do gado zebu, introduzindo cerca de 300 cabeças, fazendo da Barra das Flores uma das pioneiras na criação de gado na região.

O clima de instabilidade política causada pela instalação do regime republicano em 1889, tendo como consequência uma política econômica também instável, acarretou, nesta ocasião, a falência da Companhia Alto Paraíba. Decidiu então o comendador Domingos Theodoro vender, no ano de 1897, a Fazenda Barra das Flores aos sobrinhos, o tenente-coronel Domingos Custódio Guimarães (Dominguinhos) e seu irmão, Carlos Alberto de Araújo Guimarães. Nesta época, foi mudado o nome da fazenda para Loanda, cujo apelido vem de muito tempo, quando um lote de africanos escravizados, oriundos de Angola, assim a apelidaram.

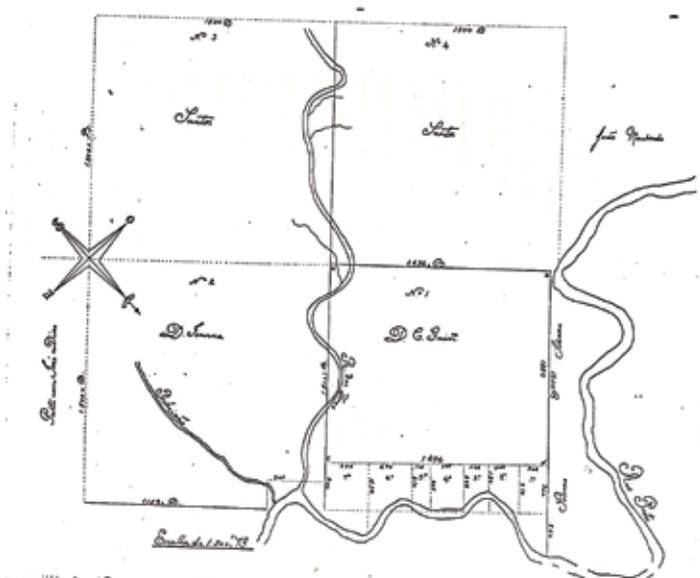
Na virada do século XX, a fazenda foi vendida pelos irmãos Guimarães ao Coronel José da Costa Pereira Maldonado⁵, português e influente fazendeiro na região de Taboas, que não ficou muito tempo em posse da fazenda.

Em 02 de março de 1912, em sociedade, o coronel Victor Garcia e o Dr. Oscar Vidal Barbosa Lage, adquiriram esta fazenda do coronel Maldonado⁶. Na ocasião, parte da secular sede da fazenda foi demolida, para que o material retirado (portas, janelas e telhas) servisse para a construção de uma segunda sede.

Em 1919, com a morte do de Oscar Vidal, o coronel Victor Garcia adquiriu a outra parte da fazenda, tornando-se seu único proprietário⁷.

Da união do coronel Victor e Guiomar nasceram os seguintes filhos: Lafaiete, casado com Diva Garcia; José Carlos, casado com Marina Soares; Dr. Alexandre, casado com Célia Vernes; Celso, casado com Yeda Soares, irmã de Marina; Olívia, casada com Dr. Moacir Figueiredo Ramos; Maria Violeta, casada com Dr. Cassilandro Vernes; Dr. Victor, casado com Ilma Maggari e Odete, casada e posteriormente divorciada de Hamilton Novaes. Victor morreu na década de 1930, deixando viúva D. Guiomar Belfort Garcia (Birroca).

Atualmente a fazenda encontra-se toda fracionada, com parte das suas terras ainda em posse da Família Belfort Garcia (f57 a f59).



Reprodução do mapa demonstrativo das sesmarias das fazendas "Paraíso", "Loanda" (a debaixo, à direita) e das fazendas que formavam a Fazenda do Travessão de Cima e Baixo (MUNIZ,1979) 56



Fazenda da Loanda, vista do renque de palmeiras imperiais. Foto de acervo particular, s. a., c. de 1950 57



Fazenda da Loanda, vista da fachada da segunda sede. Foto de acervo particular, s. a., c. de 1950 58



Fazenda da Loanda, detalhe da fachada da segunda sede. Foto de acervo particular, s. a., c. de 1950 59

Considerações sobre a existência da ponte sobre o Rio Preto na Fazenda da Loanda

por Annibal Affonso Magalhães da Silva

As palmeiras imperiais perfiladas em direção ao rio Preto marcam a paisagem da Fazenda da Loanda, levando a supor que ali tenha existido uma travessia sobre o leito do rio, por meio de uma ponte (f60). Após uma rápida visita às suas margens, não foi localizada nenhuma evidência da referida ponte. Entretanto, percebe-se que, na direção da suposta travessia, aparece um filete de pedras aflorando continuamente sob a lâmina d'água (f61). Antigos moradores da fazenda lembram de histórias sobre essa ponte⁸. O entrevistado, Sr Esmeraldino Alves, informou que chegou a ver os arranques de pedra na margem fluminense. Porém, ele não soube dizer como se perderam. Mas diz que o nível da água vem diminuindo consideravelmente ao longo dos anos. Até mesmo as grandes enchentes trazem contribuições. A última presenciada foi em 1978⁹. Antigos moradores relatam outras enchentes, em passado mais distante.

Se não existem registros oficiais que comprovem a existência dessa ponte na Fazenda da Loanda, pode-se supor que, em determinado momento, seu projeto ou a própria ponte tenham sido abandonados em prol de outra, também de madeira, fncada cerca de um quilômetro abaixo, no local da atual ponte de concreto de Manuel Duarte e Porto das Flores¹⁰ (f62). Desta forma, o renque de palmeiras voltado para o rio Preto, constitui uma das principais referências históricas da Fazenda da Loanda e da formação destas tradicionais localidades.





61



Antiga ponte sobre o rio Preto, s.a, s.d., fonte WHATELY, Maria Celina. Resende, *A cultura pioneira do café no Vale do Paraíba*

62

¹ Sesmaria de João Pedro Maynard da Affonseca e Sá. Caixa 147 nº 36. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

² Sesmaria de D. Joana Edwirges de Menezes e Souza. Caixa 147, nº 35 Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

³ MUNIZ, Célia Loureiro. *Os donos da terra: um estudo sobre a estrutura fundiária do Vale do Paraíba Fluminense, no século XIX*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Centro de Estudos Gerais – Universidade Federal Fluminense – Niterói, 1979. p.21.

⁴ Partilha dos bens do visconde do Rio Preto, 1869. Museu da Justiça / Rio de Janeiro.

⁵ Traslado da Escritura de Compra e venda paga e quitação da metade da Fazenda da Loanda, que fazem o tenente- coronel Domingos Custódio Guimarães e sua mulher, D. Maria Augusta Vieira Guimarães, ao coronel José Pereira da Costa Maldonado. Livro 10 / fs. 16 / Cartório do 2º Ofício de Valença. 1901. Acervo particular de Celso Belfort Garcia.

⁶ 1º Traslado da Escritura de Compra e venda e hipoteca que fazem, como vendedores e credores, o coronel José Pereira da Costa Maldonado e Dona Maria da Anunciação Maldonado, e como compradores e devedores, o coronel Victor Garcia e sua mulher e o Doutor Oscar Vidal Barbosa Lage e sua mulher, como abaixo declara, a Fazenda da Loanda, com 320 alqueires, com todas as benfeitorias e culturas. Por 170:000#000 de Réis, em parcelas, com prazo para quitação em 1916. Escritura passada no dia 2 de março 1912. Livro 6 / fs. 49v a 54v / Cartório do 1º Ofício de Santa Thereza. 1º Traslado da Escritura de quitação que fazem Antônio José do Amaral (inventariante por morte do Coronel Maldonado) e Dona Maria da Anunciação Maldonado, ao coronel Victor Garcia e sua mulher e o Doutor Oscar Vidal Barbosa Lage e sua mulher, como abaixo declara. Parcela do pagamento de venda da Fazenda. Escritura passada no dia 13 de agosto de 1914 Livro 8 / fs. 7v a 9 / Cartório do 1º Ofício de Santa Thereza.

⁷ Carta de sentença de formal de partilha passada a favor do herdeiro cessionário, coronel Victor Garcia, extraída dos autos de inventário em que a inventariante, D. Maria violeta Belfort Lage, e o inventariado, Doutor Oscar Vidal Barbosa Laje, fizeram, a título de conservação dos seus direitos. 1919. Acervo particular de Celso Belfort Garcia.

⁸ Os filhos do Sr Epaminondas Maria, antigo empregado e morador da fazenda, que nascera há cerca de 100 anos, dizem que seu pai contava que a entrada da fazenda era na direção das palmeiras, atravessando o rio Preto.

⁹ Ocorrida nos dias 12, 13 e 14 de janeiro de 1978, segundo relato do Sr. João Bosco Furtado da Silva, 74 anos, nascido e criado em Manuel Duarte (RJ).

¹⁰ A ponte de concreto foi inaugurada em 28 de janeiro de 1923, substituindo a primitiva de madeira.